

um livro para usar, brincar, jogar | acácio augusto*

Daniel Colson. *Pequeno léxico filosófico del anarquismo — De Proudhon a Deleuze*. Buenos Aires, Nueva Visión, 2003, 287 pp. Tradução Heber Cardoso.

Não se trata de um dicionário. Embora o dicionário *Aurélio* apresente léxico e dicionário como sinônimos na primeira definição; é a segunda definição de léxico que nos aproxima do livro de Daniel Colson: “conjunto das palavras usadas numa língua, ou num texto, ou por um autor”. Qualquer pessoa poderia dizer: “Um anarquista se submetendo à dureza da ordem alfabética?”. Ao contrário, é nesta opção de organizar o livro na forma de um léxico que está a delícia de ler o livro de Colson e a dificuldade em resenhá-lo. Há uma possibilidade infinita de comentar cada verbete.

Trata-se de um livro com múltiplas entradas que se bastam por si; um livro *rizomático* que não se lê da primeira à última página, seguindo a ordem do alfabeto. Favorece o leitor que pode pegá-lo e ir à busca do que lhe interessa, ignorando livremente o resto. Como sugere o autor, “cada leitor pode eleger as entradas que melhor lhe convier, seja porque experimenta uma afinidade particular e intuitiva com tal ou qual palavra, tal ou qual idéia, seja porque algumas constituem uma cristalização particularmente importante em sua maneira

* Bacharel em Ciências Sociais pela PUC-SP, mestrando no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, pesquisador no Nu-Sol e Secretário do Centro de Cultura Social de São Paulo (CCS-SP).

Um livro para usar, brincar e jogar

de pensar, de sentir ou de perceber” (p. 15). Somente como um livro para um fim específico, é que mantém semelhança com um dicionário comum.

As palavras são objetos de lutas. A maneira como são escritas ou ditas, onde e quem as redige ou pronuncia, estão sempre sob o fogo cruzado das lutas políticas. Lutas móveis e dinâmicas, que se desdobram em liberações, libertações, dominações, fissuras, junções. São objetos pelos quais se luta, à revelia dos que querem decretar seu definitivo estatuto dando a *última palavra*. Para os anarquistas, as palavras são inventadas em luta, nos seus embates e encontros de resistências e experimentações de liberdade. São vitais instrumentos, lanças de guerreiros. Os dicionários ao tentarem estancar essa luta, dando o definitivo significado das palavras, assemelham-se à frieza dos livros de códigos jurídicos.

É no sentido das palavras em luta que Colson compõe seu léxico. Não é uma enciclopédia do anarquismo, que pretende indicar o significado correto de cada palavra, idéia ou expressão. Não é, também, um livro de história do anarquismo à maneira de Max Nettlau ou do jeito de Daniel Guérin. Colson dá um tratamento singular, mas não aleatório, a cada verbete que escolheu para compor seu livro, estabelecendo analogias, conexões, movimentos e aproximações muitas vezes surpreendentes.

Trata-se de uma conversa que quer “fazer visível as *afinidades* secretas (...) que unem filósofos e teóricos tão diferentes como Espinoza, Leibniz, Stirner, Proudhon, Bakunin, Tarde, Nietzsche, Bergson, Foucault, Simondon, Deleuze e alguns outros” (p. 14). Busca aproximações e distanciamentos no campo de luta das práticas discursivas, levando *ao limite do possível* (p. 137) o sentido anárquico da palavra libertário.

Maio de 1968. Este acontecimento se espalhou como centelhas pelo mundo; e abriu caminho para que

marxistas, desencantados com o autoritarismo da URSS, estudassem o anarquismo e investissem em uma bizarra síntese entre marxismo e anarquismo, vendo nisto, a expressão da atitude dos jovens no maio de 1968 (leia-se Daniel Guérin). No entanto, aparte sua importância histórica com repercussões inclusive no Brasil (caso de Daniel Guérin), livros-síntese deste calibre se estruturam na enfadonha e redundante divisão idéias-movimento. Deixam clara a opção teórica e metodológica pelo marxismo.

O livro de Colson também é um efeito, menos imediato, das experimentações de maio de 1968. Mas segue outro caminho. Vai em busca de pensadores que extraíram das experimentações vivenciadas pelos jovens dessa geração uma outra possibilidade de pensar e de viver, sem pleitear o anúncio de um novo anarquismo. Percorre os ditos e escritos de Foucault, Deleuze, Nietzsche e outros para adicionar novas palavras ao vocabulário libertário, rever antigas e, por vezes de maneira um pouco apresada, e muito empolgado, salvar algumas. O mais interessante, é que afirma a anarquia como uma atitude que libera o viver, que encara a vida, em suas manifestações mais cotidianas, como uma luta por liberdade no presente; em oposição ao anarquismo como “registro classificatório e identitário das categorias da ordem dominante” (p. 31). Mostra que há muita potência de liberdade na associação Proudhon e Deleuze, Bakunin e Espinoza. Muito mais do que poderia estabelecer a teoria ou que poderiam imaginar alguns anarquistas defensores das sagradas escrituras.

A associação entre Foucault, Deleuze e a anarquia não é uma novidade. No Brasil, desde os anos 1980 essa *afinidade*, no sentido que Colson dá a essa palavra (pp. 21-22), aparece em escritos de anarquistas como Edson Passetti e Margareth Rago. Entretanto, encontramos per-

Um livro para usar, brincar e jogar

cursos e reflexões singulares em cada um desses autores, anarquistas diferentes com diferentes anarquias, marcando uma alegre descoberta no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos.

É estranho que autores como Antonio Negri e Michel Hardt, com seu conceito de *Multidão*, e Murray Bookchin, com suas preocupações ecológicas que vão de encontro com os atuais investimentos de Estados, empresas e organismos internacionais, são mais bem recebidos entre alguns anarquistas, do que Foucault, Deleuze ou Nietzsche, com suas inquietações libertárias sobre estética da existência, processos de subjetivação e vontade de potência.

Uma das referências teóricas dessa maneira de pensar o anarquismo encontra-se no livro de Bookchin, *Anarquismo social ou anarquismo como estilo de vida: um abismo intransponível*, e que desemboca em grupos que procuram desesperadamente pela existência de uma classe operária ou que atuam à maneira paroquial de uma ONG.

Um anarquista não quer abolir o poder, toma-o para si. O *Léxico* de Colson apresenta a possibilidade de encontrar em Nietzsche, Foucault, Deleuze, Espinoza corajosos parceiros, que junto aos clássicos anarquistas e suas experimentações na história do movimento operário, nos dão vitalidade para a luta (ver o verbete *vital* pp. 274-275). O sentido anárquico que Colson dá à noção nietzschiana de *eterno retorno* (pp. 87-93) é um belo momento do livro em que a injeção de vitalidade nos toma, enrubescendo alguns anarquistas que insistem em manter vivo, com a ajuda de “aparelhos”, um certo humanismo e a evidente herança iluminista que habitou o pensamento libertário.

Alguém que já passou pelo livro de Colson poderia dizer: “O que fazer com verbetes como *autonomia* (pp. 43-44) ou com passagens onde Colson afirma a busca de

outro mundo ou de uma outra composição das forças?” Irritam certas passagens do livro, tanto quanto a ausência de Willian Godwin no verbete sobre a *justiça* (p. 143) ou o fato de se deter a uma bibliografia quase que exclusivamente francesa. Isso, no entanto, não me impede de vibrar, no verbete seguinte (*justificação*, Idem) ao ler: “O anarquismo rechaça qualquer justificação, tanto para si como para os outros” (Ibidem).

Deleuze dizia que se lê um livro como quem ouve um disco. Vamos até uma parte, se não nos serve passamos para outra. Disse, também, em seu abecedário feito com Claire Parnet, que na condição de filósofo, escrevia para não filósofos. Afinal, continua Deleuze, músicos não gravam discos para serem ouvidos apenas por músicos e artistas não fazem arte para ser apreciada apenas por artistas. Pois nada impede que uma pessoa qualquer possa produzir — ao ouvir uma música, apreciar uma tela ou ler um livro — um encontro que possua preciosidade apenas para ela.

Penso que a força e a beleza desse livro de Colson está exatamente nisso. Desde seu formato é um livro que não se destina a iniciados, sejam anarquistas, marxistas, filósofos ou sociólogos. Pode ser aberto por qualquer um sem preocupação de segui-lo até o fim e sem a necessidade de aprová-lo ou reprová-lo, mas para utilizá-lo, não da maneira que bem entender, mas na medida em que se é afetado por uma vontade de anarquizar.

Daniel Colson é professor de sociologia na Universidade de Saint-Étienne, pesquisador no CRESAL (CNRS), integrante da livraria libertária La Gryffe, em Lyon e autor, entre outros livros de *Anarchosindicalisme et Communisme* — 1920/1925 e diversos artigos na imprensa libertária francesa e de outros países. Um breve estudo seu sobre o pensamento de Proudhon pode ser encontrado no volume 9 de *Verve*, este *Léxico*, infelizmente, não possui tradução em língua portuguesa.